

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E VIDA MONÁSTICA*

Mectildes Vilaça Castro O.S.B.

1 – OS MCS, SUA EVOLUÇÃO, SURPREENDENTE EM NOSSOS TEMPOS **

Disse um autor, com propriedade, que a luta pela comunicação se iniciou quando alguém notou que existia um outro alguém.

A fome de transmitir o que sou, o que penso, o que desejo, levou o homem a sair de seus limites, a ultrapassar as barreiras dos simples gemidos, gritos, gestos e mesmo palavras, criando instrumentos capazes de levar cada vez mais longe seus anseios. Caminhada lenta da humanidade que se tornou mais rápida no século passado e surpreendente em nosso século.

O homem inventou o papiro e chegou à pequena imprensa de Gutenberg, isto em 1445. É bom recordar que o primeiro livro editado foi a Bíblia. Passa do jornal mural dos romanos aos grandes periódicos de nossos tempos. Em 1447 nasce, na Inglaterra, o jornalismo que sempre avançando chega, através das grandes máquinas rotativas, às altas tiragens dos tempos atuais.

No século dezenove (1844), nasce a telegrafia. A primeira mensagem a distância é dada por Samuel Morse, através de um sistema independente de hora, de dia, de condições atmosféricas. Esta primeira mensagem também revelava o espírito da época: "Que obras fez Deus!" A telegrafia mudou to-

* Conferência lida no México, por ocasião do V Encontro Monástico Latino-Americano, em 16-7-1986.

** Nesta parte usei como subsídio o livro **Comunicação em Debate**, de Neimar de Barros. São Paulo, O Recado Editora.

talmente a vida social e econômica. Seus impulsos elétricos foram a retaguarda de todo um processo de transportes, de industrialização e urbanização.

Surge o telefone, limitado, pois suas mensagens dependiam de fios interligados, até que Marconi obtenha uma transmissão elétrica sem fios. E um engenheiro americano, Dr. Conrad, substituiria o manipulador telegráfico por um simples microfone, tornando possível o surgimento do rádio, o que se deu na Itália, em 1901. Mas só em 1920 é que aparece a primeira emissora de rádio comercial, nos EEUU. Dois anos mais tarde, as emissoras já se espalham em todo o mundo. Torna-se possível, pois, ao indivíduo, em qualquer lugar, em qualquer hora e sem depender da rede elétrica e de fios, ligar-se com o resto do mundo. Não é mais preciso conhecer o Código Morse, nem mesmo ser alfabetizado. Qualquer pessoa pode ouvir um noticiário, uma música, uma reportagem policial, pode chorar com uma novela romântica ou se divertir com algum humorista. Pode escutar a "Hora do Angelus" e ouvir uma pregação da Palavra.

Assim, a comunicação de massa deu seu grande salto: não eram mais necessários sinais impressos, sinais viajantes de impulsos elétricos. Ouvia-se a voz de alguém falando de um canto do universo, voz percorrendo o mundo que foi se tornando menor, uma "aldeia global" na expressão de Mc Luhan.

Mas, nosso século daria saltos maiores. Desde 1884, o alemão Paul Nipkow conseguira, através de um disco de varredura, transmitir algumas imagens a distância. Em 1936, graças à descoberta do russo-americano Vladimir Zworykin, inicia-se na BBC de Londres algo que viria transformar a face do mundo: a TV, aparelhinho quadrado ou retangular, tornaria o mundo presente dentro de uma sala e passaria a "governar" a casa de cada um. A partir de 1948 dão-se grandes renovações técnicas. No Brasil a TV chegou em 1950 e eram duzentos televisores. Hoje, mais de dez milhões de aparelhos invadem nossas cidades, favelas, alagados e mesmo o campo.

A TV é cinema dentro de casa, é rádio com imagens, é jornal visto, é teatro a domicílio, é fotografia iluminada, é arquibancada de futebol, é janela do mundo. Ela é a soma de todos os MCS existentes. Por isso é o mais poderoso veículo de influência dentro de casa. Entretanto, o rádio, de menor custo e por poder acompanhar o indivíduo onde ele estiver, exigindo um só de seus sentidos, o ouvido, ainda domina os meios populares.

Que dizer do vídeo-cassete que permite ao indivíduo escolher um programa segundo suas preferências, colocando-se de certo modo independente das programações oferecidas pelas grandes empresas de televisão? Que permite a qualquer pessoa ou grupo, gravar, filmar, documentar, divulgar? Recentemente, o *Jornal do Brasil* noticiava um fato interessante com a seguinte manchete: "Vídeo, a nova arma do Índio." Estes Índios, até há pouco encurralados em suas reservas e ameaçados de destruição (o Índio brasileiro foi realmente massacrado pela civilização dos brancos), compraram um completo equipamento de vídeo-cassete, câmera, gravador e televisor, com a finalidade de documentar seus encontros com as autoridades em Brasília, as dificuldades e as promessas e de resgatar a sua própria história. O vídeo-cassete, que constitui um avanço interessante, traz também seus riscos: uma di-

fusão ampla, de impossível controle, capaz de satisfazer a todos os tipos de interesse, dos mais nobres aos mais sórdidos da humanidade. Enfim, é surpreendente o desenvolvimento da tecnologia da Comunicação Social, a partir dos satélites artificiais. O Brasil é dos países mais desenvolvidos em telecomunicação. E o uso crescente dos computadores torna a informação mais precisa, imprimindo à vida maior velocidade.

2 – ALGUNS DOS IMPACTOS DOS MCS SOBRE AS PESSOAS E A SOCIEDADE. UM DESAFIO.

Queiramos ou não, vivemos num mundo dominado pelos modernos meios de comunicação social. O impacto dos mesmos sobre o homem e a sociedade é causa de grandes preocupações e interrogações dentro e fora da Igreja.

Vejamos alguns depoimentos:

“Nós jovens, vivemos e crescemos numa cultura caracterizada pelos “mass media”. Esta cultura, embora seja adequada à nossa sensibilidade de jovens de hoje, entra em contradição com algumas de nossas opções cristãs de pessoas que trabalham para a construção de um mundo unido. Como usar os meios de comunicação para incidir sobre a nossa cultura e para o progresso deste mundo unido?” (Alguns jovens da Inglaterra e dos EEUU.)

Em 1977, em um simpósio sobre os MCS, um dos bispos brasileiros perguntava: “Se os caminhos abertos em todas as direções pelos MCS iriam conduzir a um momento doloroso ou glorioso do mistério pascal.” Os MCS levariam ao desenvolvimento ou à destruição da pessoa humana? Eis a questão crucial. Recentemente, outro bispo brasileiro, Dom Davi Picão, declarou: “A sorte da humanidade está em nossas mãos, de acordo com o bom ou mau uso dos MCS”. Paulo Maia, jornalista e crítico de televisão, afirmava em uma de suas conferências: “O mito da Informação, ou seja, a grande mentira de que adquirir cultura é apenas acumular conhecimentos mastigados e até digeridos, é justamente um aspecto dessa ditadura” (dos MCS). E mais adiante recusa a idéia de que cada povo tem a televisão que merece, pois a televisão, diz ele, “reflete apenas a ótica do produtor imposta ao consumidor por um sistema rigoroso e fechamento autoritário de poder.”

Neymar de Barros, um dos grandes e heróicos batalhadores cristãos na área dos MCS, afirma: “O tédio, a solidão, a falta de vida comunitária, a falta de participação na vida social, geram psicoses que fecham o homem em si mesmo e o levam a procurar nos MCS evasão psicológica e diversão. Aqui está a maior função das telenovelas, que desligam os telespectadores da vida real e os jogam dentro de uma vida imaginária para provocar o mutismo, a não participação, a alienação.”

Ouvimos a sensibilidade dos jovens e depois a visão mais profunda e madura de um bispo, de um jornalista e de um cristão leigo. Não me esqueço da sensação desagradável que tive quando, em 1984, passando por Portugal, encontrei uma comunidade religiosa se deliciando com as novelas brasileiras, a grande novidade do momento. Mais tarde, ouviria de um Padre Mohana a

declaração: "a TV brasileira é das mais perfeitas em arte e tecnologia, mas das mais permissivas!"

Quanto ao controle dos MCS, dois posicionamentos se equacionam: controle privado ou controle estatal? Ambas alternativas têm se mostrado perigosas. No primeiro caso, temos a dominação dos grupos privados, certamente os detentores do poder econômico, senhores da sociedade de consumo; no segundo caso, a dominação do estado, o que coloca os MCS sujeitos às jogadas políticas, ideológicas, se não totalitárias. Frequentemente se dá uma simbiose. No Brasil, é inegável – não quero aqui discutir a questão político-religiosa subjacente – várias rádios católicas foram tendo seus transmissores lacrados, na fase do governo Médici, a mais dura da revolução de 64. A partir da recente política do nosso saudoso Tancredo Neves – esta volta à democracia ainda tão incipiente – o quadro vai se transformando. Dá-se o surgimento de rádios populares, muito simples, nas dioceses de São Paulo e Recife.

Ora, dentro de uma perspectiva democrática e mesmo cristã, o único caminho é sempre o mais difícil e lento: o da formação das consciências, um grande desafio, o de conduzir a uma leitura crítica da comunicação, leitura ao mesmo tempo dos signos utilizados e dos significados subjacentes. Uma ampla leitura, da mensagem codificada e do universo referencial. E se pensarmos num universo referencial cristão?

A consciência crítica se opõe à consciência mítica e à consciência ingênua. Ela é a consciência madura de quem tem visão global das informações e liberdade interior suficientemente autêntica para aceitar ou rejeitar qualquer mensagem depois de analisada. Se os MCS constituem em si um grande valor – e não podemos negar, há programações excelentes – é também inegável que somente assumindo uma consciência crítica poderão esses meios, de fato, enriquecer-nos positivamente. É assustador pensar que a comunicação social forma, influencia e muda 70% da opinião pública. Poderemos ficar assistindo, de braços cruzados, a essas deformações, sendo mesmo nelas envolvidos?

3 – A IGREJA, SUAS PREOCUPAÇÕES E ORIENTAÇÕES

Sem dúvida, é a Igreja a instituição mais preocupada com este problema, pois é a mais profundamente voltada para os destinos da humanidade. Ressoa em seus ouvidos que toda atividade humana deve ser purificada no mistério pascal (GS 37-38).

Por ocasião do Concílio Vaticano II, os padres conciliares debruçavam-se sobre os MCS. De sua reflexão surgiu o primeiro documento, o decreto **Inter Mirifica**. Após ver os MCS "entre as admiráveis invenções da técnica", volta-se o documento para os aspectos do direito à informação, do emprego correto de seus instrumentos, da arte e da moral. Responsabiliza todos os católicos, particularmente os Pastores, enquanto promotores e receptores, incentiva a organização de secretariados e associações, estabelecendo um dia anual para séria instrução e reflexão dos MCS. Só doze anos mais tarde

(1975), surge a Instrução Pastoral "Communio et Progressio", desenvolvendo mais o tema e apresentando uma imagem ideal dos MCS modernos. Ambos os documentos, cujo valor normativo é inegável, foram considerados bastante teóricos e otimistas, supondo homens aí fraternalmente unidos, numa ação comum pelo bem da humanidade. Mais realistas e práticos foram os doze excelentes discursos de Paulo VI (1967-1978) publicados no Osservatore Romano e colecionados pela Conferência dos Bispos do Brasil.

Para Paulo VI as comunicações sociais devem ser instrumento de encontro entre fé e cultura. Considerando prioritária a formação do "receptor", insiste: "Vós deveis dar mostras de uma vigilante capacidade de discernimento e de confronto com os autênticos valores ético-religiosos, sabendo apreciar e escolher os elementos positivos e excluir os negativos." Ainda: "Vós deveis saber escolher bem o vosso jornal, os livros, os filmes, os programas radiofônicos, conscientes de que dessa escolha - como de uma ficha de voto - dependerá o encorajamento e o apoio, até mesmo econômico, assim como a rejeição de um determinado gênero ou tipo de comunicação" (Disc. 23.4.68).

Recentemente, uma especialista em comunicação me dizia o quanto nós católicos precisamos ser despertados e nos convencer da vulnerabilidade dos programadores, da força de uma simples carta de protesto ou de elogio, atrás da qual jamais um comunicador vê uma só pessoa, mas a opinião pública se manifestando. Geralmente somos omissos, limitando-nos a lastimar, dando entretanto todo apoio de receptores, passivamente, se não coniventes pelo gosto daquilo que nossa consciência rejeita.

Contactando com uma senhora que coordena as programações da Rádio Olinda, pertencente a uma cadeia católica de rádios, fiz-lhe a seguinte crítica: nossas rádios católicas nada têm de católicas, são inteiramente seculares, em nada diferenciando das demais. Ela me respondeu falando de suas lutas para conseguir a participação de um sacerdote, religioso ou leigo em programações como debates, mesas-redondas ou mesmo na criação de algo que comunique a fé cristã. E acrescentava: Há em geral entre nós grande insegurança de conteúdo e um grande despreparo para enfrentarmos os MCS. Na televisão, em geral, os programas bíblicos são protestantes e com boa assistência de católicos.

É relevante notar que o progresso não se limita às invenções modernas dos MCS, como o transistor, a televisão, o computador. Interessantes progressos se dão na compreensão da psicologia da comunicação, o que é importante para a missão evangelizadora da Igreja. Basta-nos observar a psicologia aplicada no domínio da publicidade, sua força de persuasão. O homem moderno sabe, cada vez melhor, como falar ao homem, como influenciar seu modo de pensar, como estimular seus instintos básicos ou orientar seu comportamento para determinado fim. Sabe como lidar com as massas. Esqueçemo-nos de que os instintos nobres carecem de estímulos, de alimento. Três grandes momentos da vida do povo brasileiro comprovaram a força positiva dos MCS: a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, o advento da Nova República com Tancredo Neves e o recente "pacote econômico".

Ao longo da história humana há uma longa tradição de uma utilização destruidora da comunicação, a partir da primeira mentira e do primeiro insulto. Há igualmente uma longa história de seu uso, a partir da primeira palavra de amor verdadeiro e do primeiro gesto de paz e amizade. Enfim, falando de MCS precisamos questionar nossa simples comunicação no dia-a-dia, enquanto família, comunidade, Igreja.

Puebla fala em termos de Meios de Comunicação Grupal com fins de evangelização, questiona a nossa liturgia, insistindo sobre os recursos do som e imagem, dos símbolos e outras formas de expressão aí utilizadas (nº 1087). Pede que na transmissão da mensagem se lance mão de uma linguagem atualizada, concreta, discreta, clara, caprichada, acessível (nº 1091). Sem dúvida, a Igreja tem um lugar privilegiado de comunicação: a liturgia e, particularmente o púlpito. Mas é um desafio falar ao "homem audiovisual."

Neste ano – 1986 – a Igreja, através da palavra de João Paulo II, coloca em pauta o problema da "opinião pública". São suas palavras: "A opinião pública consiste no modo comum e coletivo de pensar, de sentir, de um grupo social mais ou menos vasto em determinadas circunstâncias de lugar e de tempo. Ela indica o que o povo comumente pensa sobre um argumento, um fato, um problema de certo relevo. . . A opinião pública forma-se pelo fato de um grande número de pessoas fazer próprio – considerando-o verdadeiro e justo – aquilo que algumas pessoas ou grupos, que gozam de particular autoridade cultural, científica ou moral, pensam e dizem." Por isso os cristãos devem se empenhar e aceitar este novo desafio, o de formar a opinião pública sobre os seguintes valores:

- a vida
- a família
- A PAZ
- a justiça
- a solidariedade entre os povos

4 – E NÓS, MONGES?

Filhos e filhas de São Bento, "pequeno rebanho" espalhado nesta América Latina, carregando um pluralismo de vida, da contemplativa a missionária com suas diversas "nuances", como nos situamos?

Em nossa solidão monástica contemplamos Deus Trindade onde se dá a Comunicação essencial. Ouvimos a oração sacerdotal de Jesus: "Pai, que eles sejam um como nós somos um" (Jo 17,22). Assumimos a Regra de S. Bento, mestra de comunidade. Olhamos nossa tradição litúrgica a ser comunicada ao homem de hoje. Vocacionados à Palavra, desejamos não só vivê-la, mas transmiti-la de modo vivo e atual. Enquanto homens e mulheres de nosso tempo, abraçamos todas as angústias, alegrias e esperanças do homem moderno. E ouvimos a voz de nossos Pastores e os apelos da Igreja.

Há um problema de fundo: a verdadeira consciência crítica – assim como a opinião pública sadia – supõe valores conhecidos e vividos, valores humanos de cultura, mas valores de fé, de amor, de justiça, de oração. Exige catequese em seus diversos níveis, se quisermos uma consciência crítica com parâmetros cristãos. O papa João Paulo II declara: “A formação reta da consciência moral dos indivíduos é base para se ter uma sadia “opinião pública”. Resta-nos tirar nossas conclusões. Proponho que sejam elaboradas em nossos grupos de trabalho e assembléia. Para ajudar a evitar dispersão, coloco aqui três grupos de questões:

4.1 – Em nossas comunidades:

- a) Como tem sido a utilização dos MCS (jornais, revistas, rádio, TV, vídeo-cassete).
- b) Que influências benéficas e maléficas dos MCS constatamos sobre as pessoas e a comunidade? (Mudanças de mentalidade, hábitos, etc.)
- c) Conseguimos trabalhar na formação da consciência crítica, em nível comunitário? Como?

4.2 – Poderiam nossos mosteiros contribuir:

- a) Em programações culturais e religiosas?
- b) Na formação do leigo, quanto à consciência crítica?
(Pensemos em nossos oblatos, alunos e freqüentadores de nossos mosteiros)
- c) Para influenciar a opinião pública?

4.3 – Considerando o progresso da psicologia da comunicação dos MCS, que poderíamos concluir, em vista:

- a) da liturgia de nossos mosteiros e do anúncio da Palavra?
- b) da formação e estudos monásticos? Fitas e vídeo-cassete poderão ser um mininvestimento (não só econômico, mas de pessoas) válido?
- c) do trabalho vocacional?

